

VILÉM FLUSSER Limites borrados.

As ciências são disciplinas que pesquisam algo, e o fazem de alguma maneira. O "algo" que pesquisam é chamado de "realidade" por intelectos pré-filosóficos e por filósofos pertencentes a determinadas correntes de pensamento. A maneira como o fazem é chamada "método científico", que é um conjunto elástico de regras de pensamento e de comportamento. Falamos em "ciência", isto é utilizamos este termo em singular, quando queremos salientar a atitude específica que distingue essas disciplinas das demais atividades. Falamos em "ciências", isto é utilizamos este termo em plural, quando queremos salientar a multiplicidade de planos e camadas de pesquisa, e a correspondente multiplicidade de métodos científicos empregados. Essa distinção que fazemos entre "a ciência" e "as ciências" encerra um problema profundamente inquietante que formará o tema desta análise resumida. A tese que tentarei defender neste artigo será a seguinte: o progresso das disciplinas científicas tende a borrar os limites entre os planos e as camadas do campo da pesquisa científica, e, simultaneamente, tende a multiplicar os métodos científicos empregados. Antigamente era crença geral que o campo de pesquisa, (a "realidade"), se apresentava em diversas camadas, e que cada camada impunha um método determinado ao intelecto que a pesquisava. Hoje parece mais plausível que são os métodos científicos os responsáveis pela hierarquia reinante no campo da "realidade", e que esses métodos se cruzam e se, de certa forma, incompatíveis entre si, o que torna altamente problemática a estrutura da "realidade". Tentarei sugerir neste artigo que os diferentes métodos científicos são outras tantas "façõs de parler", e que a estrutura da "realidade" é consequência dessa multiplicidade de línguas.

O campo da pesquisa científica, tomado como algo objetivamente "dado", recusa-se obstinadamente a ser definido. É melhor abandonarmos "ab initio" essa tentativa de definição objetiva da realidade. É preferível dizer, um tanto subjetivamente, que tudo aquilo que se presta ao emprego do método científico faz parte da realidade neste sentido do termo. O campo da realidade não é pois algo estático e "dado", mas expande-se à medida que novos métodos científicos surgem. A estrutura desse campo é igualmente fluida, e depende dos métodos científicos em aplicação num dado momento. No fim do século 19 eram três os métodos principais e melhor desenvolvidos, a saber: o método da física, da biologia e da psicologia. As ontologias que se seguiam a este estado de coisas refletiam essa triplicidade. Diziam que existem três camadas de realidade: a camada dos corpos inanimados, a camada dos organismos vivos e a camada dos processos psíquicos, (embora essa terceira camada tenha um aspecto duvidoso, devido ao pouco desenvolvimento do método psicológico no fim do século 19). No começo do século 18 somente o método da física era mais ou menos bem desenvolvido. As ontologias dessa época refletiam este fato. Diziam que a realidade era fundamentalmente uma, a saber mecânica, uma espécie de perpetuum mobile perfeito.

ATHEW ENTERPRISES

VILÉM FLUSSER

Somos, como seres pensantes, fundamentalmente preguiçosos. Detestamos esforços. Pela nossa preguiça conservamos essas ontologias, já amplamente ultrapassadas pelas ciências em progresso vertiginoso. Aceitamos, um pouco a contragosto, a triplíce ontologia do século 19, mas acreditamos piamente ser a camada dos corpos inanimados a "realmente" fundamental, (século 18). "Vida" e "alma" não passam de epifenômenos, (um tanto desagradáveis intelectualmente), da realidade que são os corpos inanimados. Tudo é passível, no fundo, de uma explicação mecanicista. Por incrível que pareça, "a ciência" confirma esta nossa fé piedosa nascida da preguiça. Efetivamente, tudo pode ser assim explicado. Os fenômenos biológicos e psicológicos podem ser explicados fisicamente, e até mecanicamente. Lorentz reduz os processos biológicos a padrões geométricos, e os behavioristas de um lado, os pavlovianos do outro, reduzem os processos psicológicos a fenômenos químico-físicos, reduzíveis, por sua vez, ao nível da mecânica simples. Mas "a ciência" confirma também exatamente o contrário da nossa fé piedosa. Por exemplo: tudo pode ser explicado biologicamente. Para Teilhard de Chardin o mundo "aparentemente" inanimado é "realmente" um mundo vivo primitivo que tende, por princípios mais ou menos darwinianos, para uma articulação em organismos vivos, e podemos portanto explicar "melhor" os corpos inanimados de maneira biologizante. E o mundo dos processos psíquicos é "realmente" um epifenômeno do mundo biológico, e a "noosféra" um epifenômeno da "biosféra". Devemos portanto explicar "melhor" os processos psíquicos biologicamente. Mas é também inteiramente possível a explicação psicológica da totalidade da realidade. Nietzsche diz que tudo é vontade para o poder, e os corpos inanimados e organismos vivos não passam de realizações dessa vontade. O método científico da psicologia se prepara, atualmente, a formular cientificamente este pensamento nietzscheano. E isto não é tudo. No curso do século 20 evoluíram as ciências sociais com suas metodologias específicas, e invadiram brutalmente o campo das ciências biológicas e psicológicas, criando uma nova camada de realidade. Toda a realidade é, doravante, explicável socialmente, e o marxismo não passa, deste ponto de vista, de uma espécie de profecia pré-científica do desenvolvimento científico da atualidade. Por exemplo: a ecologia diz que num lago é a água, e a chuva, e o solo, e os peixes e algas etc. apenas abstrações e ficções do observador científico, e que na "realidade" todos esses fenômenos "aparentes" não passam de órgãos do organismo "real" que é o lago. Assim o mundo dos corpos inanimados, e dos organismos vivos, e quase também o mundo psíquico, ficam engolidos por uma realidade que podemos chamar de "social" na falta de um termo mais apropriado. "A ciência" é portanto contraditória nos seus pronunciamentos a respeito da realidade.

Consideremos por um instante os limites que separam as camadas da realidade que se degladiam mutuamente. Antigamente eram nítidos e claros. Existia um abisso

VILÉM FLUSSER

mo entre, por exemplo, uma pedra e uma minhoca. Mas hoje em dia esse abismo foi transposto de ambos os lados. Os cristais, com seu metabolismo e suas qualidades elétricas e ópticas, são quase organismos vivos, de modo que podemos perfeitamente dizer que os organismos vivos, (como a minhoca), são no fundo, (na "realidade"), cristais de um certo tipo. Certos polímeros, (e não somente os que se baseiam sobre o carbono, mas também os baseados no silício), têm qualidades típicas daquilo que era considerado, recentemente, como pertencente à vida. O protoplasma, que é o fundamento da vida, pode ser considerado, perfeitamente, como um tipo de polímero, e a vida como um tipo de comportamento de polímeros. De outro lado podemos dizer que existem fenômenos como o vírus, os quais, embora tipicamente biológicos, são amorfos e como tais fazem parte do mundo dos corpos inanimados. A albumina e o ácido ribonucleônico são produtos da vida e portadores da vida, mas são inanimados, e o ácido ribonucleônico contém as informações responsáveis pela hereditariedade, exatamente como as moléculas do sal de cosinha contêm as informações responsáveis pela cristalização isto é pela "hereditariedade" salina. Podemos perfeitamente dizer que o mundo "aparentemente" inanimado é "realmente" um tipo de vida. A minhoca é um caso especial de pedra, e a pedra é um caso especial de minhoca.

Premido pelo espaço, não posso ilustrar como se borram os limites entre o mundo da biologia e a psicologia, e entre o mundo da física e a psicologia, e, ultimamente, entre estes três mundos e o mundo da sociologia. (Para não falar daqueles mundos novos que o desenvolvimento da metodologia científica faz surgir e fará surgir no futuro). A dupla tendência da ciência já ficou, assim o espero, suficientemente demonstrada. Se de um lado multiplica as camadas da "realidade", borra, do outro lado, os limites que separam essas camadas. E cada camada individual tende a engolir todas as demais e reclamar, para si, o domínio absoluto e exclusivo da "realidade". Toda ciência individual tende a ser "a ciência", e o termo "as ciências" em plural revelou toda a sua problematidade. Como interpretar esse estado de coisas inquietante, e como construir, a despeito da ciência, uma ontologia aceitável? Uma resposta a esta pergunta urge. A partir do renascimento vem a humanidade depositando a sua fé na ciência como método do descobrimento da realidade. Trata-se, com efeito, de uma transferência progressiva de fé a partir das religiões tradicionais em direção da ciência e dos seus resultados. A situação atual, na qual a ciência começa a demonstrar a sua incapacidade de revelar "realidade", é responsável em grande parte pela perda do senso de realidade gelopante que caracteriza a geração presente. Essa alienação, essa loucura coletiva, ameaça mergulhar grande parte da humanidade naquele tédio e nojo que os teólogos medievais chamavam de "inferno". Mas a volta às religiões é-nos vedada. É preciso tentar reconquistar o senso de realidade a partir da ciência, e não ignorando ela. É preciso "superá-la" no sentido hegeliano do termo. Será isto possível?

VILÉM FLUSSER

Disse que as diferentes ciências se distinguem entre si pelos métodos, e essa é a única distinção possível, já que os campos de pesquisa das diferentes ciências se cruzam e tendem a eliminar-se mutuamente. Em outras palavras: as ciências pesquisam, todas elas, virtualmente a totalidade daquilo que chamei de "algo" na primeira frase deste artigo, mas o fazem de maneira diferente. Esse "algo" aparece e se apresenta de maneira diferente nas ciências diferentes. A ciência como um todo não compete responder à pergunta: "O que é esse algo realmente?" Essa incompetência, que é causa do nosso desespero ontológico, não é um defeito da ciência, mas é um defeito da nossa fé deslocada. A ciência como um todo, e as diferentes ciências como métodos de pesquisa diferentes, estão soberanamente desinteressadas naquilo que o algo é realmente. "O que é realmente um anti-proton?", "o que é realmente um gen?" e "o que é realmente uma sublimação?" são perguntas tipicamente não-científicas, e, neste sentido, perguntas sem significado. É portanto melhor abandonarmos esse pseudoconceito de "algo", já que não serve para formular perguntas significativas, nem para distinguir ciências diferentes. É melhor dizer que as diferentes ciências são métodos diferentes de falar, e que a pergunta "sobre que falam?" não tem resposta, por ser insignificativa. Aceita essa definição das ciências como línguas diferentes, torna-se possível o estabelecimento de relações entre elas. São relações de tradução, e a relação entre a física e a biologia, por exemplo, é a mesma que existe entre a língua inglesa e portuguesa. A ciência como um todo, se for definida como conjunto de línguas diferentes, mas aparentadas entre si, fica enquadrada na totalidade das línguas que perfazem aquela conversação chamada "pensamento".

A ciência não é uma via preferencial que conduz à "realidade", mas é uma das estradas pelas quais avança o pensamento, uma estrada paralela à arte, (para mencionar somente um único paralelo). O erro da humanidade ocidental a partir do renascimento foi o de dar preferência ^{epistemológica} ontológica à ciência, e essa fé enganada é a razão do nosso desespero. Se libertada do peso dessa fé, poderá a ciência desenvolver-se mais autenticamente. E a fé, uma vez desligada da ciência, poderá lançar-se sobre o inarticulável, o intelectualmente inalcançável, e retomar contacto com a "realidade", um contacto que somente a fé pode estabelecer de maneira vivencialmente plena. E uma ontologia ~~axi~~ intelectualmente aceitável deverá ser formulada, depois de rompida a ligação entre ciência e fé, em base do carácter linguístico de conhecimento, do qual o conhecimento científico é apenas um aspecto.

Os limites que separam as ciências se borram, se considerarmos as ciências como fornecedoras de realidades. Mas se as considerarmos como maneiras de falar, o problema que se põe não é o dos limites, mas o da tradução, e esse problema é solúvel. O avanço das ciências desvendou, ao borrar os limites, o carácter do conhecimento humano.